



**O QUE É O SUJEITO?  
O OLHAR DA PSICANÁLISE**

Fátima Elisabeth Geitens

Porto Alegre, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE E PSICOPATOLOGIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA NA CLÍNICA  
DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

**O QUE É O SUJEITO?  
O OLHAR DA PSICANÁLISE**

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para Conclusão de Curso de Especialização:  
Intervenção Psicanalítica na Clínica da  
Infância e Adolescência, sob orientação do  
Prof. Dr. Amadeu Weinmann.

Fátima Elisabeth Geitens

Porto Alegre, 2017

*Wo es war soll ich werden*  
“Lá onde isso era, eu devo advir”  
(Freud)

## RESUMO

A pergunta a respeito do que é o Sujeito permeia a teoria psicanalítica. Em psicanálise, o conceito de Sujeito é elaborado por Lacan a partir dos pressupostos de Freud. Embora Freud faça referência ao indivíduo, à realidade psíquica, ao aparelho psíquico e à vida psíquica, a função sujeito, tal como será teorizada por Lacan, atravessa sua teoria. O presente trabalho tem como objetivo buscar a compreensão, na teoria psicanalítica, do que é, como se constitui, quem é hoje, bem como possibilidades e impossibilidades do que está dado como Sujeito.

**Palavras chaves:** Psicanálise, Sujeito, Édipo, Nome-do-Pai

## **ABSTRACT**

The question on what the subject is permeates psychoanalytic theory. In psychoanalysis, the concept of the Subject is developed by Lacan based on Freud's presuppositions. Although Freud mentions the individual, psychic reality, apparatus and life, the subject function, as theorized by Lacan, pervades his work. The present study's objective is to understand, within psychoanalysis, what the subject is, how it is constituted, who it currently is, as well as its possibilities and impossibilities.

**Keywords:** Psychoanalysis, Subject, Aedipus, Name-of-the-father

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>REVISÃO TEÓRICA .....</b>	<b>8</b>
1 O que é o Sujeito?.....	8
2 Caminhada em Direção ao Sujeito .....	11
2.1 Estádio do Espelho.....	12
2.2 Complexo de Édipo .....	13
2.3 Nome-do-Pai.....	17
3 Psicose Como Impossibilidade de Sujeito .....	19
4 O Sujeito Hoje .....	22
5 A Análise Como Possibilidade de Sujeito .....	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

Vários pensadores e filosofias detiveram e ainda detém o olhar sobre as questões do Sujeito. Contudo, é a partir da psicanálise de Freud e da releitura feita por Lacan, que se lança um olhar bastante diferenciado e inquietante do que é ser Sujeito.

Freud deixou uma vasta obra, tanto aplaudida quanto contestada, ousada e revolucionária, na busca da compreensão dos seres humanos. Até ele, havia o entendimento de que a subjetividade era comandada pela consciência. A partir de então, a psicanálise muda esse olhar, colocando a consciência como sendo a ponta de um *iceberg* e o inconsciente como a parte submersa que dita as regras a serem seguidas. Portanto, o centro mudou e isso lança novas leituras sobre a questão.

Freud criou a psicanálise, para a qual a fala é instrumento fundamental do trabalho. A psicanálise caracteriza-se por ser um método onde a palavra busca trazer à consciência o que não está consciente. Lacan, por sua vez, enfatiza a linguagem como fundamental para definir o Sujeito.

Lacan, que se intitulava freudiano, foi um pensador que aliou diferentes saberes à psicanálise. Agregou linguística, antropologia estrutural, filosofia e até mesmo a matemática para dar vida nova à psicanálise de Freud.

A partir de Freud e Lacan, pode-se dizer que o homem é *sujeitado pelo inconsciente, que é sujeito à linguagem* e que o Sujeito não está dado só pelo existir como ser humano.

## REVISÃO TEÓRICA

### 1 O que é o Sujeito?

“Desde René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859-1938), o sujeito é definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 742). Na filosofia ocidental, o sujeito é entendido como o ser do conhecimento, do direito e da consciência.

Antes de Freud, o sujeito se identificava com a consciência, a subjetividade era identificada como a consciência e dominada pela razão. Nas três feridas narcísicas sofridas pela humanidade, ou seja, na imagem que o homem faz de si mesmo, temos Copérnico, que substituiu a hipótese geocêntrica pela heliocêntrica; Darwin, que, através da teoria da evolução das espécies, colocou o homem como fazendo parte da evolução animal e não como criatura divina; e Freud, por sua vez, com a psicanálise, coloca que o homem “não é senhor de sua casa” (Roudinesco, 2000, p. 71), afirmando, com isso, que não é o consciente que está no controle das ações humanas, mas o inconsciente.

Os conceitos fundamentais da psicanálise são: a pulsão, a transferência, a repetição e o inconsciente. A teoria freudiana tem como objeto de estudo o inconsciente e seus fenômenos, sendo o inconsciente “um lugar desconhecido pela consciência” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 742). O inconsciente contém um saber e é estruturado como uma linguagem. O inconsciente é uma estrutura diferente da consciência. Freud coloca que é nas lacunas das manifestações conscientes que o inconsciente se manifesta. Nessas lacunas emerge um desconhecido que se impõe e produz, entre outros, esquecimentos, trocas de nomes. Esse desconhecido é o sujeito do inconsciente.

A descoberta de Freud a respeito do inconsciente muda o estudo da subjetividade, ao mostrar que o sujeito não se confunde com o indivíduo, nem tampouco com o sujeito do enunciado. Quanto ao sujeito da psicanálise, ele está desvinculado com relação ao indivíduo, o sujeito do enunciado que se refere ao “eu” ou ao *self* - eu sou... eu faço... eu penso, onde o pronome “eu” se refere à pessoa que identifica o seu *self* com uma imagem ideal específica. O Sujeito é um outro, seria “uma outra cena” – a que se passa no inconsciente. Ele se manifesta através dos sonhos, atos falhos, chistes, delírios,



alucinações, sintomas. “Um sujeito que fala desconhecido pelo sujeito” (Silva, 2004, p.69).

O sujeito, tanto em Freud como em Lacan, é o sujeito do desejo. Sujeito é um conceito criado por Lacan a partir dos pressupostos de Freud. Embora Freud faça referência ao indivíduo, à realidade psíquica, ao aparelho psíquico e à vida psíquica, a função sujeito, tal como posteriormente será formulada por Lacan, atravessa sua teoria. O desejo pressupõe a falta. Em Freud, o desejo remete à simbiose do bebê com a mãe, onde, no início da vida, o bebê teria suas necessidades satisfeitas pela mãe, o retorno a essa experiência de satisfação que o indivíduo buscaria por toda a vida – sem nunca encontrar. Essa plenitude, Lacan chama de gozo. Para ele, o desejo é a necessária relação do ser com a falta. “O que dá forma a este desejo é a Lei, o que Lacan designou Simbólico, um registro psíquico ligado à função da linguagem” (Battaglia, 2003, p. 18).

Do enunciado de Lacan “o inconsciente é o discurso do Outro” (Fink, 1998, p. 27), depreende-se que não há “desejo sem linguagem”. As opiniões e desejos de outras pessoas estão dentro de cada um através do discurso. Isso significa dizer que o inconsciente está repleto da fala, aspirações e fantasias de outras pessoas. Pode-se pensar, por exemplo, os pais falando sobre a carreira dos filhos, seus engajamentos sociais, etc., ocorrendo um transbordamento de desejos que, na verdade, não pertencem ao sujeito, porque é o sujeito que pertence a esses discursos.

Lacan, ao afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Longo, 2011, p 41), diz que o inconsciente funciona segundo as regras da linguagem e que não há discurso possível sem o uso das figuras de linguagem: a metáfora e a metonímia, que correspondem à condensação e ao deslocamento freudiano, onde a metáfora está associada à semelhança de sentidos e a metonímia à contiguidade, fazendo “deslizar” de um significante a outro. A submissão ao significante é a condição subjetiva de sujeitos que falam. Na psicanálise, muito passa na linguagem e pela linguagem.

Como o sujeito em psicanálise é o sujeito do inconsciente, “um ato falho é uma metáfora do sujeito” (Gerbase, 2004, p. 15). Ao utilizarmos um significante quando queremos fazer uso de outro estamos produzindo uma metáfora e a metáfora não se ocupa da significação, mas do significante. E, para Lacan, a relação do significante e do significado é expressa no algoritmo [S/s], onde **S** representa o significante e **s** o

significado. Para que se produza um Sujeito [S], é preciso que ocorra a passagem do significante ao significado.

Lacan coloca que “o significante é o que representa um sujeito para outro significante” (Longo, 2011, p. 47). Falar de sujeito significa falar sobre o significante. Lacan pensa o sujeito como alguém submetido à linguagem, portanto, à função simbólica. No algoritmo S/s, um não tem relação com o outro, o falante desliza de significante em significante sem entender o que fala, ou seja, alienado do sentido daquilo que diz. O significado é atingido por meio das formações do inconsciente (sonho, chiste, sintoma e atos falho).

O Sujeito será produzido através da linguagem, quando da passagem do imaginário ao simbólico. Freud percebe nas primeiras simbolizações do neto, na brincadeira de carretel – *fort-da* – a importância da linguagem, para lidar com a angústia produzida pela ausência da mãe. É pelo caminho da repetição que a criança “pode sair da posição passiva, de objeto, para a posição ativa de sujeito” (Oliveira, 2004, p. 22).

A linguagem é, portanto a via da comunicação simbólica, onde o símbolo é o que representa alguma coisa ausente, ou seja, tem por função representar algo, mas não ser esse algo. O simbólico é a Ordem e a Lei que funda o inconsciente, precede o Sujeito e é a condição de sua constituição.

Ogilvie (1991), traz, ainda de Lacan, que o sujeito do inconsciente:

[...] é este ser (estar)-sujeito de um mundo reduzido que só está no centro da série de suas renúncias e seus limites, sujeito de, assujeitado ao inconsciente, que só existe, no entanto na subjetividade de seu “eu” e que porta tão bem, por conseguinte, este nome ambíguo de sujeito, designando uma pretensão que tem a forma de uma servidão (p. 123).

## 2 Caminhada em Direção ao Sujeito

O sujeito da psicanálise, constituído a partir do campo da linguagem, do simbólico, só é possível porque entra na ordem social que quase sempre precede sua chegada e tem na família sua entrada. Pode-se pensar que sua constituição está atrelada ao campo social e isso é uma condição para sua existência. Sem o aparato do campo social o sujeito não sobrevive, ele precisa do cuidado de alguém. Esta condição de necessidade do outro para a vida é o que Freud denomina desamparo. A qualidade de desamparado que necessita de cuidados é também o que faz emergir o Outro, que significa não só a pessoa que cuida como também a própria ordem social que é introduzida através deste que tenta amparar. O Outro que cuida é um ser de linguagem, que irá atender às necessidades específicas, mas que também trará o significante, a palavra. É a partir desta relação que dá lugar a demanda – que introduz e é introduzida pelo Outro, diante do qual a criança se situa. O bebê, portanto, demanda ao Outro aquilo que traz para atender as necessidades básicas, e também presença e amor. O bebê relaciona-se com este Outro capaz de trazer o objeto de sua necessidade ao mesmo tempo em que se dirige ao Outro, é também impelido por uma força, em direção a um objeto que não tem forma, mas que o impulsiona. Lacan denominou este objeto perdido no encontro com a linguagem, de *objeto a*. Este objeto é o que está por trás de todo objeto com o qual o sujeito se relaciona, se firmando como objeto causa de desejo, isto é, o objeto perdido, a falta inaugural, é o que move o sujeito em direção aos outros objetos. Mas, não é qualquer objeto que se faz interessante. Os objetos se tornam desejáveis na medida em que alguma característica significante se relaciona com a cadeia significante do sujeito.

Para que haja Sujeito é necessário que ocorram os processos da dialética lacaniana: *alienação* e de *separação*.

Alienação e separação são conceitos de Lacan, onde, no primeiro, a criança está assujeitada ao Outro, ela é causada pelo desejo do Outro que precedeu seu nascimento. A alienação é imprescindível para atingir a subjetividade. Já a separação consiste na tentativa, por parte do sujeito alienado, de lidar com o desejo do Outro.

## 2.1 Estádio do Espelho

Lacan concebe o estágio do espelho como uma identificação, melhor dizendo, como a transformação que se produz no sujeito quando ele assume uma imagem. É um processo que ocorre entre os primeiros seis a dezoito meses de vida. Sendo o espelho a primeira relação consigo mesmo e uma relação com o outro. Ao mesmo tempo, lugar de nascimento e estrutura definitiva.

Lacan coloca o olhar do Outro como base da constituição do Sujeito. Considera que a imagem especular do bebê tem um caráter ilusório, contornado por desejos e ideais alheios, pois a criança quer ser o objeto de desejo da mãe, aquilo que lhe falta, significa dizer que “está alienada no desejo da mãe” (Longo, 2011, p. 51). No espelho, por ainda não conseguir se distinguir do outro, a criança assume a imagem como se fosse sua, produzindo a ilusão de um domínio. Torna-se uma unidade, porém virtual e alienada. É a partir do reconhecimento da mãe que ocorre uma saída para a experiência da imagem do corpo despedaçado. A unidade do corpo é encontrada na imagem ofertada pelo Outro.

“A alegria causada pelo reconhecimento da própria imagem, é efeito de um processo de identificação” (Jorge & Ferreira, 2011, p. 40). É por essa dimensão imaginária, por essa influência do olhar do Outro, que a conquista da identidade se processa. A singularidade de cada um se constrói a partir do olhar do Outro.

O bebê ainda não está no mundo da linguagem, ainda não é simbólico, está no campo do imaginário. É na última etapa do estágio do espelho, quando ocorre a integração da imagem com o corpo, que a criança caminha em direção a sua constituição como sujeito falante, é o seu acesso na ordem simbólica que permite a inserção “na cultura, na civilização, na Lei e na relação com o outro” (Longo, 2011, p. 51).

É fundamental que haja o deslocamento da posição imaginária para a simbólica, pois é nessa passagem que será produzido o sujeito e isso ocorre através da linguagem. Esta é a possibilidade de que uma subjetividade se constitua. É a fase do espelho que define a organização estrutural do sujeito.

## 2.2 Complexo de Édipo

O mito do Édipo aparece na teoria de Freud, como fundante do sujeito do inconsciente e da cultura. As reflexões sobre o Édipo têm sua origem na tragédia grega de Sófocles, onde são abordados o parricídio e o incesto. No complexo de Édipo os desejos infantis, sejam amorosos ou hostis em relação aos pais, são representados inconscientemente. É importante colocar que a teorização a cerca do Complexo de Édipo foi construída ao longo de toda obra de Freud.

Em *A dissolução do complexo de Édipo* (Freud, 1924/1996, p. 189), é destacada a importância desse complexo como fenômeno central do período sexual da primeira infância. Essa dissolução ocorre no menino, e é seguida pelo período de latência. A mãe é o objeto de amor original do menino. Esse objeto é o mesmo que continua a ser investido ao longo do complexo de Édipo. O pai ocupa o papel de rival, aquele de quem o menino deseja se livrar para que possa ocupar seu lugar. Possivelmente, esse naufrágio ocorra a partir do momento em que a criança se decepciona com a mãe quando supõe que ela transferiu seu amor para outro objeto, pois até então o menino via a mãe como sua e pelo do temor da castração.

A masturbação funciona como uma descarga genital da excitação sexual pertinente ao complexo de Édipo e que oferece duas possibilidades de satisfação: uma delas é a satisfação ativa em que o menino se coloca no lugar do pai; a outra é uma satisfação passiva, em que o menino se coloca no lugar da mãe para ser amado pelo pai. Os meninos, em um primeiro momento, consideram que todos possuem um pênis, mas, ao se depararem com a diferença anatômica, percebem que nem todos o possuem. A primeira reação é negar e acreditar que o das meninas ainda crescerá. Mais tarde, aceitam a possibilidade da castração e reconhecem as mulheres como castradas. A partir disso, deixam de acreditar nas possibilidades de obter satisfação através da masturbação, porque ambas as formas levam à perda do pênis. Na primeira, a castração é uma punição e, na segunda, a castração é uma pré-condição.

Desse modo, o menino percebe que a satisfação sexual através do desejo incestuoso lhe custaria o pênis, dando origem a um conflito entre o interesse narcísico por esse órgão e o investimento libidinal nos objetos parentais. É esperado que o interesse narcísico pelo

pênis triunfe. A criança para de investir no objeto e o substitui por identificações, a autoridade do pai é introjetada e forma o núcleo do supereu.

O complexo de Édipo naufraga possibilitando a emergência do supereu como seu herdeiro. É a constituição do supereu que leva o indivíduo a se inserir na cultura. O supereu deve ser compreendido como uma interiorização do agente paterno como sinônimo de interdição. Renunciar a ser o pai torna possível ser como o pai através do processo de identificação.

Freud (1924-1925/1996) estabelece diferenças relativas ao complexo de Édipo no menino e na menina, onde o menino sai dele através da angústia de castração, quando o supereu se torna seu herdeiro - interiorização da interdição paterna.

A entrada da menina no complexo de Édipo é marcada por uma mudança no objeto de amor original e também por uma mudança de órgão sexual. Ela troca o clitóris pela vagina. Para a menina, a mãe também é o primeiro objeto de amor, é a ela que a menina dirige seus primeiros investimentos libidinais. Esse período é chamado pré-edípiano e é muito importante. Diferentemente dos meninos, as meninas abandonam seu objeto de amor original passando a ter o pai como objeto de amor.

Para a menina, a entrada no complexo de Édipo se dá justamente através da descoberta da castração e da inveja do pênis. Seu supereu se constitui com dificuldade, pois não existe a ameaça de ser castrada e, conseqüentemente, não há angústia de castração, esta é um fato consumado. O complexo de Édipo nas meninas é uma formação secundária e são as operações do complexo de castração que o precedem e preparam. Existe um contraste fundamental entre o menino e a menina no que diz respeito às relações existentes entre o complexo de Édipo e o complexo de castração. Nos meninos, o declínio do complexo de Édipo ocorre pelo complexo de castração. Enquanto nas meninas é o complexo de castração quem introduz o Édipo.

O Complexo de Édipo é universal e expressa duas grandes proibições fundadoras da sociedade humana. O complexo de Édipo articulado com o complexo de castração determina a interiorização da interdição oposta aos dois desejos edípianos: o incesto materno e o assassinato do pai, abrindo acesso à cultura pela submissão e identificação com o pai portador da lei que regula o desejo.

Por sua vez, Lacan coloca que a psicanálise revelou na criança pulsões genitais, cujo auge ocorre no quarto ano de vida. Há uma fixação da criança por um desejo sexual pelo progenitor do sexo oposto. Ocorre a frustração acompanhada de uma repressão educativa que tem por fim impedir a realização dessas pulsões, principalmente a de masturbação. A criança adquire uma intuição da situação que lhe é proibida. Através desse processo, o progenitor do mesmo sexo aparece para a criança como agente da interdição sexual. A tensão se resolve, por um recalco da tendência sexual que, a partir de então, permanecerá latente – dando lugar às aquisições educativas – até a puberdade e também pela sublimação da imagem parental que permanecerá na consciência como um ideal representativo. Esse processo tem uma importância fundamental, pois inscreve no psiquismo duas instâncias permanentes: a que recalca, chamada supereu, e a que sublima, o ideal do eu. Elas representam o encerramento da crise edípica.

Em *Totem e tabu* (Freud, 1913/1996) é introduzida a discussão sobre as origens da civilização a partir de estudos antropológicos. Freud, ao criar o mito da horda primeva, que permite ao homem viver em sociedade, fala do assassinio do pai primitivo. Constrói a figura de um pai tirano, detentor das mulheres da tribo e que expulsa os filhos à medida que crescem. Um macho mais velho e mais forte, com plenos poderes. Revoltados, os filhos matam o pai e o devoram, realizando um banquete totêmico, cujo resultado é a identificação ao pai morto. Na lei do pai, os filhos não ficavam abandonados, mas também não desfrutavam prazeres. A autoridade simbólica do pai, na forma da lei da interdição do incesto, é restaurada depois de sua morte, quando os irmãos se organizam para inventar um modo de barrar o gozo. É assim que restauram a autoridade simbólica do pai, na forma da lei da interdição do incesto. A interdição é que torna os homens sujeitos, “sujeito do desejo” (Kehl, 2002, p. 43).

Lacan coloca que Freud, ao tratar do assassinato do pai, está falando do Nome-do-Pai: “No princípio o pai está morto, somente resta, eis aí, o Nome-do-Pai, e tudo gira em torno disto” (Porge, 1998, p. 109).

Lacan faz uma ponte com *Totem e tabu* colocando que o mito freudiano é a equivalência do pai morto e do gozo, podendo ser qualificado como “operador estrutural” (Porge, 1998, p. 145). Lacan comenta que no mito freudiano *Totem e tabu*, contrário ao mito de Édipo de Sófocles, trata-se especificamente do gozo do pai, porque o que o define,

é o fato de gozar de todas as mulheres da tribo, bem mais do que a procriação de seus filhos. Diz que Freud, portanto, introduz a função fálica como uma mola essencial de seu mito. Está ligada ao pai morto, porque é do lugar da sua morte que se coloca a interdição que pesa sobre este gozo fálico. Assim, a lógica que Lacan introduz a partir de *Totem e tabu* consiste numa articulação da função fálica.

O Édipo tem três tempos: no primeiro, a criança acredita ser o objeto de desejo da mãe, ou seja, o *falo*. No segundo, ocorre o encontro com a Lei do Pai onde são privados do *falo* tanto a mãe quanto a criança. E no terceiro, ocorre a identificação com o pai, operando a entrada na ordem simbólica, a da linguagem.

Lacan revisita Freud na questão edípica e coloca sua atenção no pai do Édipo, criando, inicialmente, a distinção do simbólico, do real e do imaginário, para qualificá-lo. Estes três registros, três funções da paternidade, tem um enlace estrutural. Não se refere à mãe nem à criança, mas ao Pai. Insere o Édipo freudiano entre um tempo que o precede e um tempo que lhe sucede, supondo um antes e um depois.

Assim, no primeiro tempo, o olhar da criança é fascinado pela imagem materna, que na ausência/presença responde que não é toda mãe, mas que é também mulher. Ao significativo de desejo materno, incompreensível para a criança, agrega-se outro significativo, o do pai, o significativo da paternidade. Nasce daí uma significação: o *falo*, que é aquilo que falta à mãe e é também a razão de seu desejo. Portanto, a mãe funda o pai como Nome na ordem simbólica. Em resposta à angústia diante do mistério do desejo da mãe, cabe somente a ela a transmissão do significativo de sua falta. É neste primeiro tempo que ocorre a instauração do Pai como significativo, como Nome-do-Pai inscrito pela mãe. A criança se identifica na imagem de si erigida, com esse falo imaginário, como objeto de desejo da mãe. A mãe funda o pai ao inscrevê-lo como Nome no inconsciente do filho.

No segundo tempo, o pai instaura o interdito do incesto e priva a mãe do falo simbólico como significação de seu desejo, por meio de uma proibição: “Não reintegrarás teu produto” (Julien, 2002, p. 68). Neste segundo tempo, a criança tem dele uma imagem tirânica e sente-se ameaçada com a castração. A função de pai privador é possível, desde que a mãe tenha respeito pela sua fala e que reconheça em sua mensagem à criança a autoridade da mensagem do pai.



No terceiro tempo, é a vez do pai real, e é este que permite a saída do Édipo. O pai real é capaz de ter e de dar o falo. Coloca que, quanto ao ter – a criança não tem o falo hoje, terá mais tarde, com a condição de que renuncie a sê-lo hoje. É a castração simbólica distanciando o presente do futuro.

A fundação do sujeito depende de um ato paterno externo à criança, depende do significante vindo do campo do Outro. É a resolução do Édipo que confere singularidade ao sujeito. Ao interiorizar a lei, ele se estrutura e se organiza psiquicamente, se inserindo na cultura, na linguagem e na sociedade.

O pai morto de Freud e o Nome-do-Pai de Lacan são fundamentais para ordenar os significantes do sujeito e produzir o significado numa operação simbólica que tem efeito regulador e estruturante sobre o sujeito.

### 2.3 Nome-do-Pai

O papel do pai é o da palavra que significa a Lei. É preciso que a mãe e a criança reconheçam o Nome-do-Pai (ou o “não” do Pai). Ele deve ser reconhecido como quem possui o falo, objeto de desejo da mãe – que não é a criança.

A função paterna, pela castração, promove o afastamento da criança de seu objeto primordial, favorecendo sua não alienação ao desejo da mãe. O Complexo de Castração estrutura psiquicamente o sujeito e o orienta na sua organização sexual. Portanto, o Nome-do-Pai é o significante da castração que intercede em favor do sujeito, protegendo-o de ceder ao gozo total do Outro.

Lacan atrela o Nome-do-Pai ao ponto de basta, sendo que este ata o significante e o significado. Refere-se ao Ponto de basta na arte de fazer colchões, no momento de costurá-lo quando preenchido até o limite com espuma. O ponto de basta é o momento de costurar. Associa o pai ao colchoeiro que, depois de preencher o colchão, costura-o, dando a significação. “O pai é aquele que permite ao sujeito estabelecer sentido ao próprio discurso, possibilitando a junção do significante e do significado, estruturando, assim, o conteúdo do discurso do sujeito” (Leal, 2010 p. 35).

Em Lacan, a lei que rege as relações do Complexo de Édipo é identificada ao Nome-do-Pai. Retoma a teoria de Freud dos complexos de castração e de Édipo para ligá-lo à metáfora paterna. A elaboração do Complexo de Édipo corresponde à construção da

metáfora paterna e do Nome-do-Pai. Essa lei tem no pai o suporte da função simbólica indispensável para que o sujeito conquiste seu lugar no pensamento simbólico.

### 3 Psicose Como Impossibilidade de Sujeito

A psicose tem como mecanismo essencial a forclusão. Forclusão é palavra que deriva do francês *forclusion*, termo jurídico que significa prescrição. O que está foracluído do lado de dentro retorna na realidade na forma de delírios e alucinações. O excluído está incluído do lado de fora.

Portanto, a forclusão é o mecanismo que estaria na origem da estrutura psicótica (enquanto que na neurose o mecanismo fundante é o recalque) e que consistiria na rejeição do significante do Nome-do-Pai para fora do registro do simbólico, sendo esse fracasso da metáfora paterna, essa falha na operação de castração, o que conferiria à psicose sua condição essencial. Os significantes foracluídos, diferentemente do que ocorre no recalque, no qual são reintegrados ao inconsciente via simbólico, retornam de fora pela via do real, como é o caso dos fenômenos alucinatórios. Nessa perspectiva, a psicose é portadora de uma falha simbólica estrutural.

Como na psicose não há inscrição do Nome-do-Pai pode-se dizer que o psicótico, não admite a castração. O que se chama de forclusão, portanto, é a exclusão fundamental do significante paterno, e, conseqüentemente, da inscrição da castração.

Lacan coloca como causa da psicose o aprisionamento do sujeito ao desejo materno, que não foi barrado pelo Nome-do-Pai, que é o significante fundamental para a instauração da ordem simbólica. O Nome-do-Pai não está presente por ter sido foracluído. A forclusão é um mecanismo de defesa próprio da psicose. O psicótico acaba por não ser inserido na ordem simbólica, portanto não faz laço social e, conseqüentemente, está fora do discurso.

Lacan elabora a teoria dos quatro discursos que recobrem aqueles ofícios postulados por Freud (1925/1996) como profissões impossíveis, quais sejam: *governar*, *educar* e *curar*. A esses três ofícios, que tem em comum a impossibilidade de obtenção de resultados satisfatórios, Lacan acrescenta o *fazer desejar*. O *discurso do mestre*, o do *universitário*, o do *analista* e o da *histérica* referem-se a cada um desses impossíveis ofícios.

Tomando por base a definição de discurso como uma relação simbólica inconsciente que supõe a castração, pode-se pensar o psicótico como estando fora do

discurso. Uma vez que o psicótico lidou com a castração, de modo a negá-la, pela forclusão, não há como pensar em Outro barrado, em desejo. O gozo psicótico, portanto, seria um gozo ilimitado, pois é a significação fálica que organiza o simbólico e permite o surgimento do desejo, que limita o gozo por estabelecer um objeto.

Na psicose, por não haver uma mediação simbólica, o outro é tomado como Outro absoluto que invade e ordena. Para o psicótico, o Outro é sempre conhecido. Diferentemente do neurótico, que, por meio do recalque, está protegido da voz do Outro, o psicótico ouve a voz imperativa do Outro e a toma ao pé da letra. Trata-se de uma voz real, inapreensível pelo significante.

O psicótico fica ao sabor da angústia face ao enigma do desejo do Outro, já que lhe falta o significante que permite significação, ponto de basta, condição para a constituição de um saber sobre o desejo do Outro. Trata-se de uma angústia invasiva, acompanhada do sentimento de não ser mais que um corpo, naquilo que o corpo tem de real. Essa angústia, muitas vezes, é diminuída ao preço do delírio.

Lacan coloca que o sujeito não é dado de início, mas que se constitui a partir do campo do Outro e que as operações de alienação-separação são fundamentais e constitutivas do sujeito. Frente a essas operações lógicas, o sujeito deve se posicionar, concordando ou não com a alienação. Na psicose, esse consentimento não ocorre, havendo um mecanismo que opera no sentido de não assentir com a afirmação primordial.

Na psicose, a criança não se permite ser sujeitada pelo Outro, mesmo isso implicando a perda de si. Pode-se pensar como uma vitória da criança sobre o Outro, embora, com isso, abra mão de sua elevação como sujeito dividido. Exclui, dessa forma, sua possibilidade como sujeito.

O simbólico resulta do efeito da operação do Nome-do-Pai que, ao barrar o desejo da mãe, promove a falta (castração). O psicótico, na medida em que o Nome-do-Pai não está inscrito, não fica aberto à falta e, neste lugar, ele é todo, completo, só gozo, sem desejo. Para Lacan, o psicótico é o porta-voz do real, pois é o não simbolizado, o gozo inútil e sem sentido.

Ainda, como impossibilidade de sujeito, tem-se uma inquietante constatação, a partir do século XX, onde o sujeito pode ficar à mercê da forclusão quando submetido a

“pura ausência de pensamento” (Julien, 2002, p. 33). Um forte exemplo disso está dado no caso Eichmann relatado por Hanna Arendt em seu livro *Eichmann em Jerusalém um relato sobre a banalidade do mal*. Eichmann, um nazista considerado uma pessoa normal, respeitador das hierarquias e ordens de seu governo, exemplar burocrata, zeloso e cumpridor fiel de seus deveres, fica preso a um sistema, que leva a morte milhares de pessoas. O que para ele foi o cumprimento de ordens, para os judeus foi o fim da vida.

Pessoas dedicadas, cumpridoras de seus deveres se converteram nos autores de um dos maiores crimes da história da humanidade. O que quer dizer que pessoas “normais”, foram responsáveis por estes acontecimentos. Torna-se assustador pensar que essa *banalidade do mal*, está na cotidianidade, que pessoas normais, dentro de um sistema, alienem-se de tal maneira que possam cometer atrocidades sem saber ou sentir, bastando para tal que neguem a imperiosidade capacidade de pensar.

#### 4 O Sujeito Hoje

O ser humano tem se mostrado angustiado, por vezes perdido e distanciado de si. Há um vazio existencial fazendo moldura em seu viver, gerando sofrimento psíquico. Não há espaço para a expressão da dor, da tristeza e também do abandono. A sociedade acredita que a cura para as aflições está na eliminação de todo mal-estar e da angústia de viver. Contudo, Freud (1930/1996) já apontava esse vazio como sendo a verdade da civilização – o mal-estar. É colocado como causa de grande sofrimento do ser humano, os seus relacionamentos. O mal-estar na civilização como sendo o mal-estar dos laços sociais.

Lacan aponta que há quatro formas das pessoas se relacionarem entre si, o que ele chamou de discursos. Os discursos são desdobramentos da relação do sujeito com o Outro. Esses discursos são sustentados pelo Nome-do-Pai. São eles: discurso do mestre, discurso da histérica, discurso universitário e discurso analítico, que correspondem a quatro práticas distintas: governar, fazer desejar, educar e analisar, respectivamente. Considerando que os laços sociais são entrelaçados e estruturados pela linguagem e que todo laço social é um enquadramento da pulsão, portanto o que a civilização exige do ser humano é uma renúncia pulsional em tratar o outro como objeto que pode ser usado, abusado e descartado, considerando que essa é a tendência do ser humano, onde o homem se mostra lobo do outro homem.

A necessidade e a dificuldade de lidar com tantas inquietações leva o ser humano, por vezes, a fazer a escolha por um tamponamento de si mesmo, de suas emoções e sentimentos, deixando-se ficar à deriva em um mar que se apresenta quase sempre agitado e pouco navegável. Como nossa cultura é dominada pela prevalência de objetos, desencadeia-se a busca por algo que venha preencher e acalmar esse insuportável e angustiante vazio. Essa busca faz com que a indústria entre em uma ciranda infinita de fabricação de coisas para dar conta dessa demanda

Neste mundo capitalista e extremamente consumista que vivemos, a indústria se aprimora na produção do objeto, cada vez prometido como sendo o mais apto a produzir a satisfação desejada, fazendo crer na existência de algo que possa preencher perfeitamente a falta que constitui o desejo. Existe todo um *marketing* voltado para explorar o desejo das pessoas e para os que nem sabem que desejam, promovendo, dessa forma, uma antecipação de necessidades e aprisionamento das pessoas numa promessa de bem-estar infinita. Isso

ocorre nas mais diferentes indústrias, desde moda, automóveis, telefonia, até eletrodomésticos. Também nas drogas há a promessa de preenchimento da falta com um estado de plenitude. Neste caso, o sujeito fica a mercê do objeto e a realização do gozo pode levar à morte.

O ser humano acaba procurando sua completude no consumo de objetos, vivendo em uma civilização condicionada pela globalização e pelo capitalismo. É preciso lembrar que o sujeito da psicanálise é o sujeito desejante e que ele se estrutura a partir do que lhe falta, e sobre isso não há saber que dê conta, de modo que o desejo expõe sempre para a insuficiência do saber.

## 5 A Análise Como Possibilidade de Sujeito

O analista é um artesão. Pode-se pensar como sendo um alfaiate ou um antigo sapateiro, onde o trabalho é feito “sob medida” para cada pessoa. A análise é um trabalho que se ocupa do singular. Onde o analista está na posição de não saber.

O objeto de trabalho da psicanálise é o inconsciente. O psicanalista se ocupa do sujeito do inconsciente. A psicanálise é investigativa e é uma prática da dúvida que se opõe às certezas imaginárias com as quais o narcisismo do eu se defende da falta do objeto em relação ao desejo.

Durante o percurso psicanalítico, o sujeito demanda um saber que virá no momento em que lograr escutar a si mesmo e ouvir, em vez de palavras vãs, algo que faça sentido para ele.

Os estudos de Lacan, ao apontar o inconsciente estruturado como linguagem, afirma que é nas palavras, e apenas nelas, que ele se revela. Revelação, não manifestação, porque o inconsciente aparece sob o disfarce do sintoma, do ato falho, do sonho. Por isso, é preciso ouvir atentamente os significantes e não os significados, pois o Sujeito não é encontrado no que é dito.

O analista questiona as certezas que fazem o sujeito sofrer e que o aprisionam em sentidos fixos e metáforas congeladas. O que interessa em uma análise é a enunciação e não o enunciado, sendo enunciação o que é dito sem a intenção de dizer e enunciado o que é dito para expressar a intencionalidade do eu – palavra oca.

Em Freud, o trabalho da psicanálise se dá através da associação livre de ideias, é a oferta de espaço para que possa surgir a inconsistência do fantasma, em relação à castração materna. A oposição do sujeito neurótico está em não querer renunciar à ilusão de um Outro – de um sujeito suposto saber. É no trabalho com o analista, na relação de transferência que se dá o reconhecimento de que não há sujeito no Outro. E que a única causa do desejo é o *objeto a*.

Para Kehl (2002), a cura em psicanálise refere-se à possibilidade de o sujeito identificar-se com seu sintoma, considerando que o sintoma retrata algo da particularidade



do desejo que foge. Portanto, a concepção de sujeito passa pelo comprometimento com o sintoma, pois, se o sintoma é metáfora, a análise busca ampliar esta corrente metafórica que se refere ao objeto perdido do desejo.

Na análise, no primeiro momento, são atribuídos ao analista os poderes imaginários dos pais da infância. Em seguida, vem a fase da desilusão. Conseguindo suportá-la, o analisando tomará para si a investigação das causas da sua insatisfação. É buscada a libertação da submissão neurótica ao desejo do Outro. Nessa busca, o analisante depara-se com o inquietante vazio da existência humana. Onde era imaginado, na infância, haver alguém capaz de harmonizar o sentido da existência, descobre-se que não há ninguém. O Outro é simbólico. Tal descoberta pode ser angustiante, enquanto não houver capacidade de simbolizar a falta (o que falta ao sujeito é ser capaz de satisfazer ao Outro), mas tal condição é fundamental para que o sujeito possa passar da posição de assujeitado ao desejo do Outro para a de sujeito desejante.

O que a análise pode fazer pelo Sujeito é torná-lo capaz de assumir sua condição desejante, deixando de responder desmedidamente ao desejo inconsciente – que é sempre desejo (de se fazer objeto) do desejo do Outro, libertando-o do discurso do Outro, promovendo uma transformação existencial e capacitando-o a dar um sentido à própria vida, que é única.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se resposta para “o que é o Sujeito?” não está dada, então é preciso construí-la, e essa construção passa por um processo singular.

Como a valorização da individualidade, que tem privilegiado o “ter” ao “ser”, não está suprindo as questões conflitivas inerentes ao viver humano, a ilusão de liberdade está transformando o homem em objeto pela economia que só o faz se alienar mais de si mesmo. Não é possível dar a outro o poder sobre si, pois as respostas encontradas não têm conseguido satisfazer o sujeito, deixando sempre um desconforto e a espera de outras soluções, sempre mágicas, e não duradouras, para as muitas inquietações.

Sabendo que o Sujeito em psicanálise é o sujeito do inconsciente e que este se encontra acuado pelo sistema capitalista, pelo mal-estar na cultura, pela sociedade fragilizada, pelas religiões autoritárias e pelo consumismo gozoso, torna-se fundamental a possibilidade de o sujeito olhar para dentro de si. Além disso, é necessário libertar-se dos discursos aprisionantes, tomar a responsabilidade pelo controle da própria vida, enfrentar medos, anseios e fragilidades, reinventar-se frente à onda dominante de padronização das pessoas em detrimento de singularidades. É de suma importância aceitar a dúvida como companheira, a morte como certeza, o sexo e a loucura fazendo atravessamentos no viver e encarar e se apropriar de tudo isso como fazendo parte, e não estando à parte do ser sujeito.

Refletir e aprender a lidar com os limites sejam os internos, sejam os impostos pela cultura, apesar de todo o sofrimento que isso possa implicar, lança a possibilidade ao indivíduo de descobrir-se sujeito, autor de sua história, capaz de encontrar melhores formas de estabelecer laços com quem o rodeia.

O homem do “aqui e agora”, que busca caminhos fáceis para livrar-se da angústia de viver, que se assujeita na esperança de não ter que lidar com a dor de existir, que diante do sofrimento psíquico tenta a busca que remete ao primitivo e confortante seio materno – o qual não voltará – precisa encontrar a força que advém da elaboração do luto pelas inúmeras perdas inerentes ao viver, e perceber a irreversibilidade do tempo e a consciência da morte como fundamentais para a valorização da vida.

Esse homem, em sintonia com seu tempo e espaço, deve apropriar-se de si, de sua vida e de sua história, assumindo a capacidade de ser quem é e fazer o que faz, sem depositar ou cobrar do outro a responsabilidade por seu viver. Deve, ainda, conseguir se organizar e olhar o próximo respeitando singularidades, espaços, vivências, separando o que é seu do que é do outro e buscando tornar-se melhor e mais apto para a vida em comunidade.

O *Wo es war soll ich werden: lá onde isso era, eu devo advir* é o que Freud entende como o trabalho da Psicanálise: abrir a porta para que o Sujeito possa vir, que seja esse o caminho escolhido e trilhado por cada um, com medo, mas com a coragem necessária para seguir em frente e para tornar-se quem se pode ser.

## REFERÊNCIAS

- Battaglia, Laura (2003). A Estrutura do Psiquismo. In *Revista Viver mente&cérebro. Memória da Psicanálise – Lacan*, 4, pp. 14-21.
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Fink, Bruce. (1998). *O Sujeito Lacaniano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freitas, Ida. (2004). Pode a Biogenética suprimir o Sujeito? In *O Sujeito da Psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico.
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. In *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.13, pp. 21-163). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.19, pp. 193-199). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.19, pp. 277-286). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1930). O Mal-Estar na Civilização. In *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.21, pp. 75-148). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1937). Análise Terminável e Interminável. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol.23, pp. 231-239). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Fleig, Mario. (1999) Metapsicologia do Sujeito Moderno. In *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*. (V 12, n.3, pp. 753-773).
- Garcia-Roza, Luiz A. (1995). *Freud e o Inconsciente*. (11ª. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

- Julien, P.(2002). *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Jorge, M. A C. & Ferreira, N.P. (2011). *Lacan o Grande Freudiano*. (4ª. ed.). Rio de Janeiro: Zahar
- Kehl, M.R. (2002). *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. (pp. 97-103). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1957/1958). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- Lacan, J. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1985). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Campo Freudiano do Brasil. Zahar, 1985.
- Lacôte-Destribats, C. (2007). *O Inconsciente*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. Martins Fontes: São Paulo.
- Leal, F. A. (2010). O pai ou a função paterna em Lacan de A família. 88 f. *Dissertação de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea*. Universidade Católica de Salvador.
- Longo, L. (2011) *Linguagem e psicanálise*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar
- Magalhães, S. (org.)(2004). *O Sujeito da Psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico.

- Ogilvie, B. (1991). *Lacan a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Oliveira, R. M. R. (2004). A puberdade como um Momento de Efetivação da Estrutura Subjetiva. In *O Sujeito da Psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico.
- Porge, E. (1938). *Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1998.
- Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva ,A. P. (2004). O Sujeito em questão na Psicose. In *O Sujeito da Psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico.